

IMPRESSÕES DE GANDARA

Teiji Suzuki

Taxila é um vilarejo distante cerca de 40 km ao norte de Islamabad, capital do Paquistão. O decantado esplendor de Takshasila, que os gregos chamavam de Taxila, não se vislumbra a não ser no acervo do museu que fica na cercania.

O turista, ao entrar no recinto, fica surpreendido pelo seu aspecto singular: colunas de estilo corintiano, encimadas por flor de acantos; deuses gregos ornamentando os cantos dos quadros em alto ou baixo-relevo que representam as lendas piedosas acerca da vida de Buda; de fisionomia greco-romana das personagens, inclusive de Buda. Um ambiente helenístico em pleno Paquistão setentrional.

São os objetos encontrados nas ruínas dos templos budistas que existiam na região até o século V D.C., quando os eftalites, povo nômade de língua irânica vindo do Turquestão, os destruíram completamente. Trata-se da chamada arte greco-budista de Gandara, antigo nome da região que corresponde, grosso modo, à atual Província Fronteira Noroeste do Paquistão.

Se o turista estender a sua viagem a Peshawar, capital da mesma província, e a Lahre, capital da vizinha província de Punjab, para visitar seus museus igualmente ricos em acervos greco-budistas, aquela surpresa por que foi tomado em Taxila irá cedendo lugar a uma outra impressão. À medida que se vai familiarizando com a referida arte, constata-se que o helenismo de Gandara é algo diferente do do Mediterrâneo, tanto na técnica como no ideal em que se inspirou o artista. Sente-se que mesmo a fisionomia dos personagens se distancia do padrão helenístico e se aproxima da dos habitantes da região, que na língua local são chamados "pusht", em inglês, "pathans." Os *pusht* são o produto de mesclagem de vários povos.

Como se sabe, os arianos oriundos de alguma parte do Turquês-tão penetraram na Índia através desta região, aproximadamente no século XX a XV A.C.

No século VI A.C., os persas achemenida, outro ramo dos arianos, ocuparam Gandara, transformando-a em satrápia.

No ano 327 A.C., Alexandre o Grande foi recebido amistosamente pelo rei de Taxila, que se aliou ao conquistador na luta contra o rei de Poros, seu rival. O episódio mostra como a região se achava dividida entre vários chefes locais indo-arianos, ou seja, arianos mesclados com a população aborígene.

A dominação grega durou pouco. Cerca de dez anos depois, Tchandragupta, fundador da dinastia Maurya com sede em Pataliputra, hoje Patna, expulsa a guarnição grega. Em 305 A.C., Seleukos Nikator, rei grego da Síria, tenta retomar a região, mas em vão.

O domínio indo-ariano dos mauryas dura cerca um século e meio. No entanto, com o seu enfraquecimento a partir do século II A.C., novas ondas de invasões se sucedem. Partas, gregos e sakas penetram em Gandara.

Tanto Partia como Bactria eram satrápias da Pérsia achemenida e depois da conquista de Alexandre da Síria seleucida, aquela atinge o norte do planalto iraniano e esta, o norte do Afeganistão e a área contígua até o Rio Amu-Darya, regiões hoje pertencentes à União Soviética.

Nos meados do século III A.C., um chefe de tribo nômade iraniano, de nome Arsakes, derrota o sátrapa grego de Partia e funda a dinastia Arsacida. Durante o século seguinte, o território de Partia arsacida se estende até a Mesopotâmia a oeste, e, a leste, alcança o interior de Gandara. A presença parta em Gandara perdura até o século I D.C., através dos seus generais ou dos reis locais independentes, de origem parta.

Mais ou menos à mesma época em que se deu a independência de Partia, o sátrapa grego se rebela e se proclama rei. No fim do século II A.C., o quarto rei de Bactria invade Gandara. Enquanto ele se achava em Gandara, outro general grego usurpa o trono de Bactria e suas forças também penetram em Gandara, ameaçando o antecessor. Por volta de 135 A.C., a dinastia com sede em Bactria é expulsa pelos sakas e se refugia em Gandara. Instalam-se, assim, duas dinastias gregas rivais nesta região.

Saka é a denominação dada pelos persas ao povo nômade que os gregos chamavam de *Scythai* (citas), os chineses de *Sak* e os indianos

de *Shaka*. O habitat desse povo se estendia desde a margem norte do Mar Negro até o Turquestão e Sibéria Oriental.

Os sakas que invadiram Gandara se achavam na região do Rio Ili, a leste do Turquestão Oriental, em meados do século II A.C. Presionados pelos *Yueshi*, de que falaremos mais adiante, se deslocam para a margem norte do Rio Amu-Darya e, em seguida, penetram em Bactria, expulsando os gregos (*circa* 135 A.C.). Os *yueshi* continuam no seu avanço até ocupar Bactria, e os sakas emigram para Gandara (*circa* 90 A.C.).

Esses partas, gregos e sakas se estabeleceram em vários pontos da região, vivendo em constantes guerras e disputas territoriais.

Segundo pesquisas numismáticas, dezenas de reis ou senhores locais existiram em Gandara, desde o século III A.C. até o século I D.C., num total de 58 gregos, 9 partas e 18 sakas (1). Os documentos antigos indianos mencionam alguns reis ou chefes indo-arianos sem vestígio numismático.

Finalmente, no começo do século I D.C., surgem os *kushanas* em Gandara.

Quem são os *kushanas* e os *yueshi* que, como vimos, estavam sempre no encalço dos sakas?

O povo nômade denominado *yueshi* (ou *guesshi*) pelos chineses, habitava o noroeste da China, na fronteira com o Turquestão Oriental. Por volta de 176 A.C., foram derrotados pelos *hun-nu*, outro povo nômade proveniente da Mongólia. Emigram, então, para o oeste e atingem a região do Rio Ili, ao norte do Turquestão Oriental, de onde expulsam os sakas. Os *yueshi*, por sua vez, acossados pelos *wusson*, outro grupo nômade de língua turca, se deslocam em direção ao norte do Rio Amu-Darya. O resto da história de mútua perseguição entre os *yueshi* e os sakas já foi mencionado anteriormente.

Uma vez em Bactria e tornando-se seus senhores, os *yueshi* governam o país por meio de cinco *yagbu*, que ao que parece, seriam chefes locais com status parecido com o dos senhores feudais. No início do século I D.C., os *yagbu* dos *kushanas* subjugam os demais, nomeando o primeiro monarca da dinastia *Kushana*. Há controvérsia sobre se os *kushanas* constituíam um ramo dos *yueshi* ou se pertenciam a um clã local que obedecia àqueles. Sabe-se no entanto, que ambos usavam uma língua iraniana, aparentada com a dos *scythai* e *sakas*.

No decorrer do mesmo século I A.C., os *kushanas* penetram em Gandara e dominam um a um aqueles reis ou chefes partas, gregos e sakas, a que fizemos menção antes. No século II A.C., os *kushanas*

atingem o auge do seu poderio sob o rei Kanishka, seu terceiro monarca, com domínio sobre um território que compreende Bactria, Gandara, Punjab, Matura (ao norte da Índia), Médio Ganges (a leste da Índia) e Turquestão Oriental, avizinhando-se com os chineses.

Depois de um longo período de conturbações contínuas, conquistaram a paz e a prosperidade em Gandara, justamente na época em que surge a arte greco-budista.

A grande maioria dos templos existentes na região eram budistas. O Budismo introduzido graças ao zelo religioso do rei Ashoka, dos mauryas, nos meados do século III A.C., era então a religião dominante em Gandara.

Por outro lado, o helenismo era o traço cultural marcante de Gandara, a ponta oriental do vasto cinturão helenístico que se estendia desde o Mediterrâneo.

Não só as moedas de reis gregos mas também as de partas, sakas e kushanas tinham inscrições em grego no verso e, no anverso, em língua indiana (prakrit, gravadas em letras *kharosti*). O curioso é que o rei Kanishka e seus sucessores empregavam somente letras gregas (2).

O surto extraordinário do intercâmbio comercial com Roma, por vias terrestre e marítima, deu um grande impulso ao helenismo pré-existente. A intensidade desse comércio é atestada pela existência de moedas e artefatos romanos nos portos das costas ocidental e oriental da Índia e, principalmente, pela cunhagem de moeda de ouro segundo o padrão romano pelos reis kushanas, para atender à necessidade do comércio exterior.

Os documentos budistas salientam que o rei Kanishka foi o grande protetor do Budismo, comparável ao rei Ashoka dos mauryas, já mencionado. Cita-se, por exemplo, que Kanishka recebeu de um certo rei indiano, como indenização de guerra, o famoso filósofo-poeta budista Ashuagasha, o qual se tornou o conselheiro do rei, ajudando-o na santa missão de propagar a fé; Kanishka mandou construir um sumptuoso templo na capital do reino, Peshawar, templo cuja existência foi confirmada pela escavação realizada no começo do presente século, quando foi encontrada uma urna metálica de relíquias, com inscrição alusiva ao ato piedoso do referido rei. Aquela moeda com imagem de Buda a que nos referimos no início deste artigo, é também do rei Kanishka, cuja effígie está estampada no verso.

Acontece, porém, que há também moedas de Kanishka com imagens de outras divindades, sendo cinco indianas, seis gregas e dezessete iranianas, num total de vinte e sete. (3)

Supõe-se que Kanishka tenha sido budista, mas nem por isso, parece que ele tenha perseguido as outras religiões. Isto significa que havia perfeita liberdade religiosa no reino dos kushanas, fato, aliás, raro no Ocidente.

Nesse clima, o Budismo se expandiu, contando com o apoio fervoroso dos dignatários e, especialmente, da opulenta classe dos mercadores, conforme se vê nas inscrições dos doadores de templos, stupas (pagodes) e outros objetos religiosos.

A contribuição mais significativa da arte greco-budista de Gandara consiste na representação, pela primeira vez, de Buda em forma humana. A escultura budista tradicional tinha como tema as lendas religiosa acerca da vida de Buda. Contudo, em todas as cenas, Buda era representado por símbolos (flor de lótus; a árvore sob cuja sombra o monge e ex-príncipe Shiddarta atingiu a iluminação, tornando-se Buda, isto é, o iluminado; roda, indicando a propagação da fé, etc) ou mesmo por um espaço vazio. O princípio da não representação de Buda em figura humana era observada sistematicamente, mesmo com sacrifícios de ordem estética, pois a ausência da personagem central constitui um hiato ou quebra da dramaticidade do conjunto. Deve ter havido um consenso implícito de se abster de tal representação em consequência da deificação progressiva do fundador do Budismo, a quem iam sendo atribuídas qualidades sobrenaturais.

Quebraram o tabu os artistas de Gandara onde, por sinal, era escassa e insignificante a presença da arte indiana tradicional, atestada pela evidência arqueológica, de um lado, e de outro, pela força atuante do helenismo, como vimos. Em Gandara começa a aparecer o Buda em figura humana, não só como elemento da composição escultural mas também como objeto individual, autônomo, de adoração.

A inovação de Gandara logo repercute em Matura que era a base da expansão dos kushanas em direção ao interior da Índia. De lá, se propaga para as outras áreas indianas.

É de se notar, entretanto, que o estilo de Matura e de outras áreas continua sendo genuinamente indiano, fiel à sua tradição artística. Pode-se dizer que a arte indiana aceitou a idéia de Gandara mas preservou a sua tradição estilística.

Em compensação, a arte greco-budista de Gandara penetrou no Turquestão, na época sob o domínio dos kushanas, em seguida, na China, na Coréia e no Japão, regiões essas onde ela se mesclou com as correntes indianas trazidas em épocas diferentes, criando-se assim as

artes budistas próprias de cada região, de acordo com a índole e a sensibilidade de seu povo.

NOTAS:

- (1) Simonetta, Alberto – A new essay on the Indo-Greeks, the Sakas and the Pahlavas, East and West, vol. 9, 1958, citado por Hajime Nakamura in Kodaihi Indo, vol. II, Shunjusha, Tóquio, 3ª edição, pp. 136-137.
- (2) Nakamura, Hajime – Op. cit. p. 185.
- (3) Rosenfield – The Dynastic Arts of the Kushans, Berkeley, 1967, citado por Toshio Yamazaki in Kushancho to Guptacho, Sekairekishi, Vol. 3, Iwanami, Tóquio, 1970, p. 345.